

“Bancos internacionais não retaliarão o Brasil”

por Cecília Costa
do Rio

O ex-presidente do Banco Central, e diretor do Banco Econômico, Carlos Brandão, acha que os bancos internacionais não vão retaliar o Brasil, suspendendo as linhas de crédito comerciais e interbancária de curto prazo, “porque a medida adotada pelo governo brasileiro de suspensão temporária do pagamento dos juros não será interpretada como confronto, mas sim, como uma situação de fato”.

“O que o governo brasileiro fez”, comentou Brandão, “foi apenas se antecipar a uma profunda crise cambial, pois não tinha outra saída. Se continuasse a arcar com os juros, dentro de poucos meses o País ficaria sem reservas, deixando de pagar os juros da mesma forma.” Agora, tendo se antecipado a crise, “o que foi uma decisão inteligente”, pelo menos, comentou o diretor do Econômico, o Brasil vai para a mesa de negociações com cerca de US\$ 4 bilhões, ou seja, “vulnerável mas não tão vulnerável como estaria, caso não detivesse mais reservas”.

O diretor do Econômico crê que essa situação deve ter sido entendida pelos banqueiros e tem praticamente certeza de que o País conseguirá novos recursos. “De certa forma, o Brasil pressionou para que a negociação da dívida externa tivesse um final favorável o mais rápido possível.”

Em compensação, haverá, na sua opinião, uma exi-

gência por parte dos banqueiros: a adoção de medidas econômicas mais duras, que contenham a inflação e a demanda interna, a fim de que o País tenha condições novamente de apresentar elevados superávits comerciais.

PREFIXADO E PÓS-FIXADO

Quanto aos boatos dos últimos dias da semana passada, que resultaram em retirada de recursos do “open market” em benefício dos depósitos a vista, Brandão considerou sem sentido e afirma que felizmente já acabou, tanto que o mercado financeiro está mais tranquilo. “O governo não poderia baixar nenhum compulsório sobre o “open”, pois geraria uma crise de confiança que aos poucos se estenderia aos depósitos a vista e à poupança”, comentou. Em relação ao comportamento do mercado, ontem, disse que houve apenas uma retração nas operações com certificados de depósitos bancários (CDB), devido às notícias sobre a decisão do governo de acabar com os títulos prefixados.

“Se o mercado transacionasse esses títulos com taxas ao mês, não haveria problemas. Mas as taxas anuais têm realmente o lado negativo de realimentar a inflação. Acabar com os papéis préfixados, porém, só poderá ser uma medida provisória, pois, na medida em que a inflação passar a ser decrescente, em vez de ascendente, será necessário o retorno desses papéis, pois são os que antecipam queda nas taxas de inflação”, observou.